



**INSTITUTO LATINO-  
AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA  
(ILAACH)  
HISTÓRIA - LICENCIATURA**

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM LIVRO  
DIDÁTICO E APOSTILA DE HISTÓRIA DO EJA.**

**Felipe Lenon Da Silva Moura**

Foz do Iguaçu  
2019

# **A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO E DO TRABALHADOR EM LIVRO DIDÁTICO E APOSTILA DE HISTÓRIA DA EJA**

Felipe Lenon da Silva Moura  
Aluno do Curso de História- Licenciatura da UNILA(Autor)  
[flds.moura.2016@aluno.unila.edu.br](mailto:flds.moura.2016@aluno.unila.edu.br)  
[felipelenondasilva@gmail.com](mailto:felipelenondasilva@gmail.com)  
Tiago Costa Sanches  
Professor de História da UNILA (Orientador)  
[tiago.sanches@unila.edu.br](mailto:tiago.sanches@unila.edu.br)

## **RESUMO**

Pedra angular deste trabalho vem a ser a investigação dentro dos materiais didáticos de ensino do EJA (Educação Jovens e Adultos) de Foz do Iguaçu buscando identificar como se é representado o conceito de trabalho dentro destes materiais sendo que os alunos que possuem acesso a estes materiais são Jovens e Adultos trabalhadores. Utilizando uma linha de pesquisa da Educação Histórica e de Ensino de História iremos investigar nos materiais didáticos do EJA. Apresentando uma investigação empírica utilizando uma abordagem metodológica denominada Análise de Conteúdo procurando investigar livros didáticos e apostilas de História do EJA de Foz Do Iguaçu. Resultado deste estudo teórico e das análises constatou-se que a representação do trabalho nestes materiais do EJA encontra-se sempre representados de maneira sintética e superficial ocultando o trabalhador e sustentando uma estrutura tradicional e básica sobre a rerepresentação do trabalho para a sociedade.

**PALAVRAS CHAVE:** Trabalho, Representação do Trabalho, Materiais Didáticos do EJA, EJA.

## **INTRODUÇÃO**

Fazemos parte de um sistema capitalista no qual a venda da mão de obra é vendida como algo “natural”. Assim como muitos estudantes também faço parte do grupo de pessoas que trabalham e estudam. Com base nisso, percebe-se uma lacuna no aprendizado e até na transmissão e reflexão sobre as ideias, mensagens, conceitos e estruturas escolares específicas para estudantes trabalhadores do EJA.

Em minha trajetória acadêmica estudei em um EJA e creio que por ser um

curso aonde você acaba se formando dentro de um ano e oito meses, tudo acaba sendo “superficial” pulando assim os momentos de debates e reflexões cabíveis para um maior entendimento dos conteúdos estudados. Além deste aspecto, a EJA recebe em sua maioria estudantes trabalhadores, como era meu caso. Como sabemos o trabalho está relacionado com diversos aspectos da vida prática dos sujeitos, devido ao capitalismo global que está em todo nosso meio.

Neste sentido, pretendo investigar como o livro didático e as apostilas do EJA junto ao proletário, modifica, constroem ou até mesmo se da continuidade a movimentos, ideias e teorias envolvendo a história como elemento norteador temporal, e apontador dos métodos e conceitos para um melhor entendimento de sua condição de trabalhador e estudante.

Realizei um estudo na disciplina de Laboratório de Ensino de História II<sup>1</sup> em que analisamos o livro didático de história do EJA coleção “Caminhar e Transformar História” da editora FTD cedida pelo ministério da educação no ano de 2013 e distribuído no Paraná. Este estudo exploratório, será apresentado aqui neste trabalho.

Nesta etapa final de pesquisa investigamos também os materiais didáticos criados por docentes da EJA de Foz do Iguaçu em formato de apostilas com o nome de “Breve Resumo de História Geral de 2017 e a apostila reproduzida de história do Colégio Sesi e Faculdade da Industria.

Infelizmente, não conseguimos realizar entrevistas com estudantes para verificar a influência dos materiais didáticos em sua concepção de trabalho e de estudante. Esta etapa ficará para uma próxima investigação.

A pedra angular deste trabalho, portanto, constitui-se em investigar a representação do trabalho em livro didático–apostilas- de história do EJA de Foz Do Iguaçu. Sabido que o EJA é voltado para aqueles que não conseguiram concluir os estudos em idade apropriada e também conta com vários “alunos trabalhadores” em seu meio escolar.

Os autores Bittencourt e Munakata, foram fundamental para entender o universo do livro didático. Nos ajudou a entender elementos das pesquisas que

---

<sup>1</sup> No curso de História da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) ministrado pelo professor Dr. Tiago Sanches.

envolvem os materiais didáticos suas funções e importância dentro do mercado do ensino criado nas últimas décadas no Brasil.

Como referência teórica utilizamos o autor Edward Palmer Thompson com sua obra *A Classe operária Inglesa* com a finalidade de identificar o conceito de Classe ou relações com a mesma nos conteúdos fornecidos no livro didático de história do EJA de Foz Do Iguaçu.

Apoiando-se nos autores Munakata (2012) e Bittencourt (2008) e também Thompson (2004) e Franco (2005) busca-se através de análise do livro didático –apostilas- destinado a EJA cedido pelo Ministério da Educação compreender como os Jovens Trabalhadores são representados nestas obras.

Na fundamentação metodológica utilizamos o texto de Maria Laura Puglisi Barbosa Franco, *Análise de Conteúdo* (2005). Nele a autora narra a importância da Análise de Conteúdo e sua preocupação com mensagens com o discurso e informações se tornando um método antigo e eficaz..

Sendo assim primeiramente traremos uma discussão sobre livro didático, suas características e possibilidades de pesquisa. Em seguida será apresentada uma discussão sobre o conceito de trabalho a partir da historiografia e também tentar demonstrar como o jovem trabalhador estudante do EJA se torna representado dentro do livro didático e apostilas usadas em sala de aula.

## LIVRO DIDÁTICO E SUAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Quando falamos em livro didático temos que lembrar que ele também pode junto a si trazer uma ideologia, ainda mais no que se diz em relação a função do trabalho e trabalhadores, pois esses foram alguns dos principais temas de discussões e debates teóricos no campo da história.

Funções essas que através das representações contidas no livro didático buscamos tentar relacionar com o tema do trabalho que se é visto em alguns capítulos dentro do livro didático usado no EJA de Foz do Iguaçu.

Os materiais didáticos são diversos: filmes, textos de jornais, imagens, revistas (BITTENCOURT, 2008). Neste texto, o foco será no livro

didático como material didático, abordando suas principais características de produção/distribuição, controle curricular e mercadológico. Após isso, será abordado o livro como objeto de pesquisa do ensino de história, mostrando quais são as possibilidades de abordagem/recorte.

Os materiais didáticos servem como suportes informativos, mediando a relação de aprendizagem de conceitos e contém a linguagem específica de cada disciplina (BITTENCOURT, 2008). Nessa ideia ampla de materiais didáticos, existem duas principais diferenças: a primeira é o suporte informativo e a segunda são os documentos propriamente ditos.

O suporte informativo é todo discurso que é construído com a intenção de informar algo para alguém, sendo que os suportes informativos foram criados para esse fim, de transmitir uma informação (BITTENCOURT, 2008, p.296-297). Além disso, os suportes informativos:

(...) pertencem ao setor da indústria cultural e são produzidos especialmente para a escola, caracterizando-se por uma linguagem própria, por um tipo de construção técnica que obedece a critérios de idade, com vocabulários, extensão e formatação de acordo com princípios pedagógicos. (BITTENCOURT, 2008, p.296).

Já os documentos também fazem parte dos materiais didáticos, porém não fazem parte da indústria cultural e não foram criados com a finalidade de ensinar. No entanto, posteriormente eles podem ser usados com finalidade didática (BITTENCOURT, 2008).

Além dos materiais produzidos com finalidade didática por editoras existem materiais didáticos elaborados por professores e também por estudantes. Essas produções de materiais são realizadas no decorrer da relação de ensino-aprendizagem. Isso se torna meta de trabalho para o docente<sup>2</sup> (BITTENCOURT, 2008).

Existe também a relação mercadológica do material didático. A indústria cultural despreza as necessidades dos professores pois eles, muitas vezes, possuem poucas oportunidades de escolha devido condições ruins da escola favorecem a mercantilização do ensino (APPLE apud BITTENCOURT, 2008). Além disso, escolher o material didático também é um ato político, pois o

---

<sup>2</sup> Bittencourt (2008) não especifica diretamente o que é os materiais didáticos feitos pelos estudantes.

material didático é um instrumento de uso do professor e do estudante (BITTENCOURT, 2008, p.298).

Por essa questão, para Circe Bittencourt (2008) é importante compreender os diferentes disponíveis e sua relação com o método de ensino, pois a escolha dos materiais depende: “(...) de nossas concepções de conhecimento, de modo como o aluno vai aprendê-lo e do tipo de formação que estamos oferecendo.” (BITTENCOURT, 2008, p.299).

## POSSIBILIDADES DE USO DO MATERIAL DIDÁTICO

Os livros didáticos são pertencentes a uma “tradição escolar” há pelo menos dois séculos. Nesse sentido, Bittencourt (2008) diz que mesmo sendo um objeto cultural de difícil definição, existem algumas peculiaridades que o torna possível diferenciação dos outros materiais.

Segundo Bittencourt (2008), os livros didáticos de História são vigiados por órgãos nacionais e internacionais, a partir da segunda metade do século passado, são feitas várias críticas a esses livros didáticos devido à visão estereotipada dos povos e culturas.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um caráter de eliminação dos livros didáticos o favorecimento de hostilidade entre os povos (BITTENCOURT, 2008). Nisso, a matéria de história foi uma das mais visadas para combater esse tipo de ideologia.

Assim, os livros didáticos foram criticados pelo seu conteúdo de ideologia e a perpetuação de um ensino tradicional. Porém, segundo Bittencourt (2008), continuaram a ser utilizados diariamente em todo o ensino escolar do país.

Sabendo disso, que o livro didático não é perfeito, já que possui deficiências no seu conteúdo, é difícil achar um livro didático ideal.

Para Circe Bittencourt (2008) os livros didáticos têm vantagens e desvantagens, sabendo disso, é necessário procurar qual é a função mais adequada para o livro didático desempenhar um papel mais efetivo na relação ensino-aprendizagem.

O livro didático possui diversas funções dependendo das condições do lugar. Assim – segundo Bittencourt (2008)- o livro didático é:

(...) um objeto de “múltiplas facetas”, e para sua elaboração e uso existem muitas interferências. Como produto cultural fabricado por técnicos que determinam seus aspectos materiais, o livro caracteriza-se, nessa dimensão material, por ser uma *mercadoria* ligada ao mundo editorial e a lógica da indústria cultural do sistema capitalista.”(BITTENCOURT , 2008, p.301)

Bittencourt (2008) descreve que, constituído por um suporte de conhecimentos escolares que vem a ser proposto por diversos currículos educacionais, fazendo assim que o Estado esteja sempre presente na existência desse livro didático.

Portanto, além de explicar os conteúdos escolares, o material didático é um “suporte de métodos pedagógicos” (BITTENCOURT, 2008, p.302) pois contém exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo e formas de avaliação.

Também, o livro didático pode ser entendido como um: “veículo de um sistema de valores, de ideologias, de uma cultura de uma determinada época e de determinada sociedade” (BITTENCOURT, 2008, p.302).

Entendendo o livro didático como complexo, fornece os instrumentos para entendemos as críticas que ele sofre, pois o livro didático não só influencia a cultura escolar, mas também pais dos estudantes, mídia e a indústria mercadológica de produção de livros (BITTENCOURT, 2008).

O papel político dos manuais escolares de História foram alvos de estudos em toda Europa, vale citar o Instituto George Eckert criado em 1975 (GARCIA apud BITTENCOURT, 2008).

No Brasil, os livros didáticos começaram a ser analisados por pesquisadores, e não somente a abordagem ideológica foi pesquisada mas foram acrescentados outros conteúdos de análise: “(...) defasagens ou clivagens entre a produção acadêmica e a escolar, ou ausências ou estenótipos de grupos étnicos ou minoritários da sociedade brasileira.” (BITTENCOURT ,2008, p.304).

Nessas novas abordagens além da perspectiva ideológica nos livros didáticos, Bittencourt (2008) vai elencar as novas propostas adotadas por pesquisadores, citando Carlos Vesentini no estudo da memória histórica que o livro didático ajuda a construir. Outros além como: Artur Saffiotti, que analisa a dificuldade de serem inseridos no livro didático temas inovadores, como a natureza. Fúlvia Rosemberg trata sobre a temática do racismo no livro didático

brasileiro. Já Marco Antônio de Oliveira que mostra as novas abordagens da população africana nos livros didáticos, decorrido dos movimentos políticos e sua atuação política<sup>3</sup>.

## PROPOSTAS PARA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Bittencourt (2008) vai dividir a análise dos livros didáticos em três aspectos: 1. Análise dos aspectos formais. 2. Conteúdos históricos escolares. 3. Conteúdos pedagógicos.

Na análise dos aspectos formais, entende-se o livro como um produto da indústria cultural, como uma mercadoria. Nesse sentido “(...) insere-se na lógica de vendagem e requer definições sob preço e formas de consumo.” (BITTENCOURT, 2008, p.311) onde o professor é o consumidor do produto e o aluno como consumidor compulsório.

Nesse propósito, o livro como mercadoria obedece a vendagem. Por essa razão as editoras seduzem os professores, cirando materiais anexos as obras, oferecem cursos e apresentar o livro como algo inovador perante as propostas pedagógicas (BITTENCOURT, 2008).

Nessa análise do livro, é abordado o tipo de papel, a quantidade de ilustrações presentes no material (já que isso pode seduzir o professor a escolher o material), a capa. Essas condições fazem parte do aspecto mercadológico. (BITTENCOURT, 2008)

Essa materialidade é importante para entender como o livro foi elaborado e a sua concepção de “passar informação”. Ou seja, como é utilizado boxes, imagens, cor no material. (BITTENCOURT, 2008).

Já na análise dos conteúdos históricos escolares, o objeto investigado é como é criado o vínculo do saber histórico com o professor e os alunos através do livro didático, sempre baseados no ecletismo do conhecimento e das concepções históricas dos alunos (BITTENCOURT, 2008).

O livro didático aborda os **conteúdos históricos** com uma linguagem simples e ampla, sendo o conteúdo simples sem simplificar para um público amplo, que é a sala de aula (BITTENCOURT, 2008, p.314).

---

<sup>3</sup>(BITTENCOURT, 2008, p.304-306).



A bibliografia também indica o nível de **atualização do autor do livro**, pois essa indicação para os professores e para os alunos é passível de investigação (BITTENCOURT, 2008).

Por fim, a análise dos conteúdos pedagógicos evidencia a **concepção de aprendizagem** presente no livro didático. Os livros didáticos têm uma concepção importante de ser analisada: “a articulação de informação e aprendizagem” (BITTENCOURT, 2008, p.314).

Os livros didáticos contêm os **métodos de aprendizagem** da disciplina, dependendo de cada autor:

A seleção de atividades apresentadas e sua ordenação no decorrer do texto (ou do capítulo) não são aleatórias e requerem uma análise específica, para se perceber a coerência do autor em sua proposta de fornecer condições de uma aprendizagem que não se limite a memorizações de determinados acontecimentos ou fatos históricos, mas permita ao aluno o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. (BITTENCOURT, 2008, p.315).

Também é importante verificar se o autor do livro didático é o autor do conteúdo pedagógico (BITTENCOURT, 2008) pois nem sempre se trata da mesma pessoa. Com base nisso, muitas vezes, existem desencontros no livro didático, como diferenças entre o conteúdo apresentado nos livros e as atividades pedagógicas.

No texto de Kazumi Munakata (2012) chamado “O livro didático: alguns temas de pesquisa” é abordado as possíveis abordagens que um pesquisador pode realizar ao estudar o livro didático. Para Munakata (2012) já foi transpassado o estudo da ideologia do livro didático<sup>4</sup>, então outras abordagens são possíveis.

Então, um dos aspectos de análise do material didático é a sua:

(...) materialidade do objeto-livro, que deve ser levada em conta. O livro é papel e tinta formando a mancha (a área impressa de uma página); o que ali se imprime passa por edição e copidesque (que muitas vezes introduzem alterações no texto original), revisão e preparação de texto, que, então, é organizado em páginas (paginação), de acordo com um projeto editorial; as páginas formam cadernos de um certo formato, que são colados ou costurados e encadernados, recebendo procedimentos de acabamento editorial e gráfico; para, finalmente, ser distribuído, e (eventualmente) lido. (MUNAKATA, 2012, p.184).

---

<sup>4</sup>Não que ainda não seja interessante e importante estudar a ideologia do livro didático, mas não somente isso.

O próprio livro “físico” é analisado, mas não somente isso. Mas também “conhecer o processo de produção, circulação e consumo de livros” (MUNAKATA, 2012, p.184). O estudo da materialidade do livro é propriamente o livro do como algo físico e o estudo das relações sociais no que o livro didático está inserido (MUNAKATA, 2012).

Também pode ser estudado o livro como mercadoria, pois não se pode pensá-lo fora do âmbito mercadológico e da indústria. O livro didático também serve para um tipo de mercado, a escola. Já que ela: “(...) determina usos específicos do livro (didático), também mediados pela sua materialidade.” (MUNAKATA, 2012, p.185).

Também é possível analisar as diversas funções que o livro didático assume na escola, como as funções: referencial, instrumental, ideológica e cultural e documental. Cada uma dessas funções pode ser tomada como um objeto de pesquisa do livro didático se atendo as peculiaridades do livro didático (CHOPPIN apud MUNAKATA, 2012).

Além disso, é possível analisar qual o contexto de produção do livro didático (como produção propriamente dita, divulgação, publicidade, vendagem) e quem participa na produção do livro didático, como: “ (...) autores, editores de texto, editores de arte, redatores, preparadores de texto e revisores, leitores críticos, consultores, pessoal de publicidade e marketing, divulgadores etc.” (MUNAKATA, 2012, p.187).

O estudo sobre a produção estatal do livro didático também é possível, como Munakata (2012) afirma, em vários países o Estado tem o controle exclusivo de produção do material. Esse é o caso que o próprio Munakata (1997)<sup>5</sup> estuda o PNLD que a partir de 1997, intervém diretamente nos critérios para a aceitação dos livros como materiais didáticos.

Munakata (2012) também cita o caso de Cassiano (2007) que estuda o contexto de produção e venda de livros didáticos feitos por outros países em outros países. Ou seja, um país x vende e produz livros didáticos para um país y. Estudar essa reconfiguração no mercado editorial em um país também é um objeto de pesquisa.

---

<sup>5</sup> (MUNAKATA, 1997, apud MUNAKATA, 2012).

Existe também a análise da relação Estado e livros editoriais, como o caso de Filgueiras (2011) que estudou as práticas de avaliação dos livros didáticos antes do PNLD. Também é possível o estudo da legislação frente ao livro didático, como Freitag, Motta, Costa (1993) e Bocchi (2005) analisam.

Ainda existe a relação da política e a correlação com a escolha do livro didático pelo professor, como Cassiano (2007) analisa o Guia de livro didático. Cassiano (2007) vai construir alguns apontamentos sobre essa “recomendação de livros didáticos”:

(...) o Guia não é distribuído para todos os professores, que só chegam a manuseá-lo quando da escolha, para o que normalmente se destina apenas um único dia. De resto, há queixas de que os pareceres do Guia são muito abstratos, pois, segundo os relatos, é com o próprio livro na mão, folheando-o, que se pode sentir se ele “funciona” ou não na sala de aula. (CASSIANO apud MUNAKATA 2012, p.189).

Munakata (2012) propõe também o estudo de Chervel (1990) que cada disciplina dispõe e constitui a sua própria metodologia. Então:

Cabe, então, examinar como se selecionam e se organizam os conteúdos em cada momento da configuração de uma disciplina; como tal configuração implica uma metodologia; que modalidades de exercícios são propostas; e o que visam a aferir as provas e as avaliações. (MUNAKATA, 2012, p.190)

Gasparello (2004) vai analisar os livros didáticos utilizados pelo colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro, Tursi (2005) também faz análise dos livros didáticos do colégio Liceu de Curitiba (futuro Colégio Estadual do Paraná). Munakata (2012) cita esses autores como possibilidade de estudar como era e qual a função do livro didático em um determinado tempo no passado. Esses autores, Gasparello e Tursi, encontram um ensino para a formação nacional presente nos livros didáticos do período imperial.

No sentido de se estudar o passado e a relação com o livro didático, Munakata (2012) cita o caso de Filgueiras (2006) que vai estudar a relação da lei 5.692 de 1971 que institui o ensino de educação moral e cívica. Filgueiras (2006) mostra que existiam divergências entre as políticas estatais (esferas governamentais e militares) no que tange esse ensino. Nem todo material didático da ditadura era ideologicamente pró-militar, como aponta Leonardo (2010) (MUNAKATA, 2012).

Também é possível trabalhar como é ensinado um determinado tipo de conteúdo em um livro didático. Munakata (2012) cita exemplo de dois autores,

Mendes (2006) e Boim (2006), que abordam o ensino da história da América Latina no livro didático:

(...) representação constitui um intrincado jogo de espelhos distorcidos, em que se intercambiam o lugar da alteridade e da identidade: ora a América Latina engloba o Brasil, ora aparece como o outro do Brasil – e isto tanto no plano textual como no iconográfico e cartográfico. (MUNAKATA, 2012, p.191).

Também é possível a análise dos materiais o autor vai chamar de sucedâneos, como os “pacotes didáticos”.

Santos (2009) examinou a utilização desses materiais por escolas, colhendo a opinião de professores e diretores. Já Boim (2010) investigou o material apostilado de história que o governo do estado de São Paulo introduziu mediante uma nova proposta curricular, elaborada em 2007 para entrar em vigor a partir de 2008. Na sua avaliação, esse material, extremamente precário tanto na organização dos conteúdos como nas metodologias de ensino que prescreve, acaba reduzindo a autonomia do professor. (MUNAKATA, 2012, p.191).

Ainda na temática dos livros utilizados por professores, ou seja, os manuais de para a formação dos professores. Munakata (2012) cita vários exemplos, como Zucchi (2012) analisando livros utilizados pelo SENAI.

Também pode-se analisar os métodos de ensino propostos pelos exercícios nos livros didáticos. Nesse caso, Munakata(2012) cita o caso de Faricelli (2005).

Outro caso importante é: “(...)Faria (2009) estuda os exercícios nos livros didáticos de história, classificando-os em tipologias, a fim de verificar as suas ocorrências em três momentos: as décadas de 1940, 1970 e 2000.” (MUNAKATA, 2012, p.192).

Por fim, Munakata (2012) cita a possibilidade de analisar os relatórios de estágios supervisionados e práticas de ensino. Nisso, Munakata (2012) vai utilizar o exemplo de Damaceno-Reis (2006) no uso de livro didático de língua portuguesa e Prado (2004) no ensino de história. Sobre esses relatórios, Munakata afirma:

Esses relatórios são uma fonte bastante capciosa. Sabe-se que muitos deles são fraudados, descrevendo situações completamente fictícias. Além disso, contêm, com frequência, descrições pouco precisas do tipo “o professor trabalhou o livro didático”. O que, efetivamente, fez o professor? Há também casos em que, do livro didático, por ser demais óbvio seu uso, não é sequer mencionado o título. (MUNAKATA, 2012, p.192).

Essas são algumas possibilidades de estudo dos livros didáticos por pesquisadores que Munakata (2012) aborda. Porém, podem existir outras análises. Esse campo de conhecimento é amplo para tais abordagens.

## O CONCEITO DE CLASSE E TRABALHO

No seu prefácio Thompson (1987) fala sobre o “fazer-se” de uma classe, pois vem a abordar um processo ativo que se deve tanto as condições humanas quanto os condicionamentos.

Tentando transmitir um pouco do que o livro A Formação Da Classe Operária Inglesa traz, destacando dados e ideias totalmente valiosas para entendermos a formação de uma Classe, no seu prefácio Thompson fala de um “fazer-se”, pois vem a abordar um processo ativo que se deve tanto as condições humanas quanto as transformações em seu meio.

Classe operária que não surge repentinamente, pois ela já estaria presente em seu próprio “fazer-se”, os indivíduos estavam vivendo e construindo o processo de construção da classe (THOMPSON,1987, p.9)

Definindo-se como Classe e não classes, pois Classe é um fenômeno histórico, que engloba vários conhecimentos díspares e desconectados aparentemente, já classes, seria um termo descritivo, esclarecedor e evasivo, no qual ronda vagamente amontoados de fenômenos descontínuos.

Thompson afirma que não vê “(...) a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas”, no qual a classe se entrelaça com a noção de relação histórica (THOMPSON,1987, p.9).

Não há uma definição pura de classe, porém esta precisa sempre estar ligada a pessoas e contextos reais, e mais, não se pode ter duas classes distintas destaca Thompson (1987).

Classe se revela quando homens com resultados e experiências em comum se articulam, com mesmos interesses entre si, e contra outros as quais seus interesses não compactuam, se opõem segundo Thompson (1987).

Para Thompson (1987) consciência de classe vem a ser a maneira de como a experiência é tratada em termos culturais, experiências essas que seriam

determinadas pelas relações de produção aonde esses indivíduos nasceram ou foram incluídos involuntariamente.

Se a experiência surge como determinante, a classe não tem esse mesmo intuito, pois a consciência de classe surge em diferentes lugares, mas nunca exatamente da mesma forma ressalta Thompson (1987).

Podemos falar que a classe, “Ela” sim existe, a classe operária, e pode ser definida como componente da estrutura social, já a consciência de classe para Thompson (1987) é algo contraditório, produzido por intelectuais Marxistas.

Usando as teorias Marxistas com a intenção de modificar a ideia na quais diferentes “papéis sociais” acabam sendo visto como “sintoma de motim injustificado”, a principal dificuldade que Thompson (1987) descreve seria em fazer com que “Ela” a classe aceite seu papel social.

Seguindo a linha do tempo histórica, veremos que para Thompson (1987) até certo ponto não, a classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um aglomerado de experiências, então a classe é definida pelos indivíduos que vivem sua própria história, definindo essa sua única definição.

A classe deve ser entendida e vista como uma formação social e cultural, iniciando em processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um complexo e longo período histórico como aponta Thompson (1987) em seu estudo.

Uma identidade de interesses veio a surgir por entre os trabalhadores ingleses contra seus empregadores, classe essa que até no momento se via dividida, aonde antagonistas se tornavam insignificantes para essa classe operária insurgente, segundo Thompson (1987) presença operária em 1832 foi o fator mais importante da vida política britânica.

Thompson tenta resgatar em seus textos, aqueles trabalhadores que tem sua cultura, suas técnicas, suas habilidades engolidas pelo novo industrialismo que vem a surgir na Inglaterra, em sua fala ela comenta que;

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcot, dos imensos ares superiores de condescendência da posterioridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência;

se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais. (THOMPSON, 1987. p.13).

Através da empatia histórica, é que devemos analisar as experiências desses indivíduos, pois eles estavam vivendo aquele momento, tornando-os vítimas acidentais ou não condenados em vida.

## METODOLOGIA DE PESQUISA

Em busca de entender como o trabalho e possivelmente a classe são representadas em livro didático do EJA, percebo que estes conceitos estão representados de forma didática, com bons argumentos em exemplos cedidos para o aluno.

Usando o texto de Maria Laura Puglisi Barbosa Franco, *Análise de Conteúdo* (2005) Franco narra a importância da Análise de Conteúdo e sua preocupação com mensagens com o discurso e informações se tornando um método antigo e eficaz.

Inicialmente segundo Franco (2005) a Análise de Conteúdo surge com o planejamento categórico dos teóricos da época com experimentos e estudos planejados com o intuito de serem precisos, evoluindo procedimentos de coleta de informações.

Em meados de 1930, devido a um aumento nas pesquisas sobre metodologia de análise de conteúdo Franco (2005) devido ao progresso de várias formas de documentação e também ao grande desenvolvimento de uma linguística aplicada, mais o campo ainda continua permeado de muita controvérsia.

Em seguida Franco (2005) identifica que aparentemente a análise de conteúdo e a linguística possuem o mesmo objeto a linguagem, relacionando a análise de conteúdo sendo ela a palavra, ou seja, o aspecto individual e atual da linguagem. Para ele a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis.

Franco (2005) assinala que seu principal objetivo em seu trabalho seria oferecer um material didático e prático para pesquisadores em educação orientando-os para a comunicação oral, escrita e figurativa com mais ênfase nas interpretações de mensagens emitidas por diferentes grupos.

O ponto de partida da Análise de Conteúdo seria a mensagem seja ela verbal, gestual, documental ou diretamente provocada sendo que a mensagem expressa um significado e um sentido, destaca Franco (2005) estes sentidos jamais são fatos isolados.

Franco (2005) afirma que as relações existentes na emissão das mensagens estão necessariamente vinculadas as condições de seus produtores, carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e mutáveis não esquecendo os componentes ideológicos dentro da mensagem.

A autora apresenta uma ideia na qual a Análise de Conteúdo afirma-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem, entendida como uma construção de toda sociedade e como expressão da existência humana na qual elabora representações sociais que se estabelecem entre linguagem pensamento e ação.

Não apenas levado pelo estudo da língua em geral, mas em busca do sentido que os indivíduos atribuem as mensagens verbais ou simbólicas, assim Franco implica:

O significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* e significação. Já o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas (FRANCO,2005,p.15).

Para isso Franco (2005) toda a análise de conteúdo requer que toda descoberta possua uma relevância teórica aonde os dados de uma mensagem se relacionam sendo representados por formas teóricas cobrando que toda a análise de conteúdo deve obter comparações textuais no qual devem partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência teórica do pesquisador.

## ESTUDO EXPLORATÓRIO

Partindo de uma pesquisa qualitativa usando a Análise de Conteúdo na qual busco dentro do livro didático de história caminhar e transformar do EJA de Foz Do Iguaçu, a relação do trabalho e também a formação de uma classe trabalhadora na Europa e no Brasil, de uma maneira sintética e breve.



Sabido que sendo uma pesquisa qualitativa aplicam-se ao estudo da história, das relações das representações, crenças, etc. Esse processo além de facilitar a descoberta de processos sociais não conhecidos propicia a criação de novas abordagens e a criação de novos conceitos.

Inicialmente através da revolução industrial no século XVIII vários fenômenos ocorreram mundialmente, devido à demanda de produção e a modificação do método de trabalho que também culminara em uma nova divisão social a classe trabalhadora e a classe donas do meio de produção.

Esse processo inicia-se no século dezesseis com os movimentos de cercamentos na Inglaterra, terras essas que eram ocupadas por camponeses passam a ser cercadas e tomadas pela nobreza criando-se novos métodos de trabalho a criação de novas tecnologias.

Ao mesmo tempo os grandes números de camponeses que perderam suas terras foram para a cidade em busca de trabalho. Porém esses camponeses que partiam para a cidade não tinham mais seu meio próprio de trabalho, tornando-os mais dependentes dos salários das fabricas.

O livro traz imagens interessantes sobre este processo, como a de dois homens produzindo sapatos manualmente. As imagens são de grande importância dentro deste capítulo, no qual se argumenta que com a ajuda de cinco funcionários um sapateiro consegue produzir sessenta pares de sapatos ao mês.

Já ao lado destaca-se uma imagem na qual se aparece uma fábrica moderna com cerca de duzentos e cinquenta operários aonde são produzidos cerca de cinquenta mil pares de sapatos ao mês. Sendo assim, com o aumento da demanda, a necessidade de acumulação também surge fazendo com que o crescimento do trabalho aumente aceleradamente, surgindo também a desvalorização da mão de obra humana.

Neste trecho percebemos que o trabalhador é condicionado ao trabalho em troca de salários tendo sua força de trabalho alienada acaba se tornado peça de um mecanismo evolutivo e devastador chamado capitalismo.

A partir da unidade 3, página 128, capítulo 1 do livro didático de história caminhar e transformar do EJA de Foz Do Iguaçu destaca-se expressamente o tema trabalho e junto com sigo o tema transformação.

Encontramos nessa unidade temas que buscam destacar o trabalho em benefício do homem, onde junto a ele este homem passa a modificar anatureza e passa a usá-la em seu próprio benefício, ligado ao trabalho, a formação de uma classe passa a ser algo inevitável.

Algumas perguntas são elencadas logo no início da unidade 3, perguntas como qual a importância do trabalho em sua vida?

Sabido que nós indivíduos de uma sociedade capitalista aonde somente é buscado o acúmulo e a riqueza, este mesmo individuo acaba tornando-se peça fundamental de um sistema que nos faz refém sem algum tipo de escapatória.

Nós seres humanos estamos sempre que estar aptos ao trabalho, pois somos sempre treinados, formados para ser meio, formados para fazer parte de uma massa trabalhista, prontos para assumir postos em empresas, fabricas etc... O livro didático e sua irrefutável importância nessa formação ao longo de vários capítulos busca associar o individuo ao trabalho, com o intuito de fazer com que o trabalho seja algo natural de uma sociedade.

Como estuda Thompson,o início de um processo industrial começa na Europa, especialmente na Inglaterra a partir do século XVIII, proporcionando o impulso de uma maquina fatura (produção utilizando maquinas) dobre a mano fatura (produção manual), sendo assim destaca-se a classe.

A grande Revolução Industrial inglesa vem a ser o marco do Capitalismo industrial sistema que passara a dividir a sociedade em classes, assunto esse que ganha grande destaque na unidade 3, página 133 do livro didático de história caminhar e transformar da EJA.

Classe essa que na Inglaterra está totalmente ligada junto aos trabalhadores, um “fazer-se” de tal classe caminha junto á modernidade indústria.

Segundo Thompson, classe deve ser estudada como um processo ativo, em constante transformação cujo tal não nasce como o sol em uma hora determinada e sim ela estava presente a seu próprio fazer-se.

Através de um box na página 135 na unidade 3 do livro didático de história caminhar e transformar do EJA, destaca-se a importância da divisão de trabalho muito mais sofisticada que no início da Era Industrial.

Mesmo partindo das atividades mais técnicas até as atividades mais avançadas ainda podemos dividir a sociedade em classes, pois sempre existiu e existiram grupos de pessoas que controlam os meios de produção e são responsáveis pelas organizações burocráticas que detêm os meios de produção.

Em seguida no capítulo 3 do livro didático de história caminhar e transformar da EJA, página 159, começa com o título A formação da Classe operária Brasileira, na qual buscando melhores condições de trabalho, menores jornadas e melhores salários começam se organizar no começo do século XX.

Organizando-se politicamente a classe operária começa a criar os primeiros sindicatos, buscando a defesa de uma classe profissional na qual se ajudam organizando greves e manifestações, produzindo boletins com informações importantes a os trabalhadores de varias categorias.

## ESTUDO PRINCIPAL

Usando as apostilas criadas pelos professores<sup>6</sup> do Ensino Médio do EJA de Foz do Iguaçu, com o título “Breve Resumo de História Geral” de 2017 e também outra apostila com o título “Apostila de História Educação de Jovens e Adultos (uma reprodução da apostila de educação EAD do colégio Sesi e Faculdades da Industria) de 2017, material também usado em sala de aula pelo professor.

Na apostila *Breve Resumo de História Geral* (2017) faz um resumo sintético sobre a História de nossa humanidade, com início na pré-história e término no capítulo conflitos e configurações do mundo contemporâneo no qual se destaca para este estudo o tema revolução industrial e também o tema o pensamento social e a político do século XIX.

Depois da abordagem da apostila a vários temas sobre o tempo linear da história, para meu estudo usarei o tema revolução industrial na página 10, no

---

<sup>6</sup> Não divulgo os nomes dos professores, pois os mesmos que cederam os materiais pediram sigilo de seus nomes.

qual a apostila destaca a transformação da estrutura econômica, política e social dentro da sociedade, com o surgimento fabril e a mecanização da produção, destacando o surgimento da divisão de classes sociais e a divisão entre capital e trabalho destaca a apostila do EJA do ensino médio.

A apostila destaca também a ideia de acumulação de capital, a revolução comercial, mas junto a esses temas o *trabalho* e seus *trabalhadores* não encontram representatividade, não possuem um tema ou capítulo específico para suas histórias e lutas, acabam sempre ficando em segundo plano dentro de vários capítulos e temas dentro dos livros e apostilas do EJA.

Podemos identificar na apostila do EJA a parte na qual ela destaca as etapas do processo produtivo como artesanato, manufaturas, maquinofaturas, etc, destacando os diferentes modelos de trabalho e mecanismos que formam e uma relação dentro do âmbito do trabalho novamente solapando, camuflando o trabalhador e também o jovem trabalhador na história que conhecemos e estudamos.

Já na página 11 da apostila o tópico Socialismo Científico destacando as ideias de Marx e Engels propondo uma interpretação socioeconômica da história, destacando a luta de classes como motor da história e acreditando que o capitalismo é baseada na exploração dos trabalhadores – mais-valia.

Como vemos o trabalho é sempre representado de forma sintética, retirando sua valorização e importância na sociedade e ao mesmo tempo fazendo com que o conceito de trabalho se cristalice nessas passagens sintetizadas e reconstruídas sobre o conceito de trabalho e o trabalhador, não possuindo uma dialética entre ambos algo que se é necessário para que haja uma mudança completa nas estruturas existentes sobre o tema.

Agora partindo da análise da apostila de História *Educação de Jovens e Adultos* do colégio Sesi e Faculdades da Indústria (2017) usada pelo professor no EJA de Foz do Iguaçu, notamos que o livro já inicia seu diálogo trabalhando o tema *trabalho* destacando que todos homens e mulheres estabelecem relações homem/natureza tudo se origina no trabalho do homem e da mulher e tudo o que eles produziram, sendo este trabalho individual ou em grupo.

Em seguida a apostila aborda a pergunta:

Qual é o seu trabalho? Com quais elementos da natureza você interage para produzir? Qual é o produto de seu trabalho? Quem se utiliza dele?

Novamente se destaca o *trabalho* como um “produto” algo totalmente natural para os homens, mas ainda não demonstra o sentimento existente no trabalho que esse homem produz, não destaca o final do produto que estes homens realizaram através de seu trabalho.

Adiante a apostila já destaca outros temas como O que é História, O Tempo na História, periodização da História, e outros temas dentro do ensino de História demonstrando mais uma vez o conceito de *trabalho* sendo demonstrado de forma sintética e simplista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedra angular deste trabalho constitui-se em investigar a representação do trabalho em livro didático –apostilas- de história do EJA de Foz Do Iguaçu.

Sabido que o EJA é voltado para aqueles que não conseguiram concluir os estudos em idade apropriada e conta com vários “alunos trabalhadores” em seu meio escolar.

Com intuito de relacionar o trabalho dentro do livro didático –apostilas- de história do EJA de Foz Do Iguaçu buscamos identificar a realidade ou até mesmo os processos e modificações desse conceito ao longo dos anos e como a ideia de uma educação voltada somente para o mercado de trabalho surge nestes materiais didáticos. Assim buscamos estudar o conceito de trabalho no livro didático, comparando semelhanças, exemplos dados no livro junto às experiências dos trabalhadores com intuito que eles possam se identificar e compreender processos que ocorrem ao longo dos anos modificando o trabalho e seus mecanismos internos e externos.

Como trabalhador e estudante busco identificar exemplos que me façam refletir sobre meu lugar na sociedade em que vivemos qual a diferença de meu trabalho atual para o trabalho de trezentas décadas atrás.

O texto *A Formação Da Classe Operária Inglesa* traz, destacando dados e ideias totalmente valiosas para entendermos a formação de uma Classe, no seu prefácio Thompson fala de um “fazer-se”, pois vem a abordar um processo ativo que se deve tanto as condições humanas quanto as transformações em seu meio.

Neste sentido, o livro didático e as apostilas do EJA junto ao proletário, modifica, constroem ou até mesmo se da continuidade a movimentos, ideias e teorias envolvendo a história como elemento norteador temporal, e apontador dos métodos e conceitos para um melhor entendimento de sua condição de trabalhador e estudante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOSTILA 1

APOSTILA 2

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MARTINS, P. A. Teixeira K. **Caminhar e Transformar: Educação de Jovens e Adultos,** 1ª ed. São Paulo. Ed. FTD, 2013. ISBN 978-85-322-8555 (aluno)

MUNAKATA, K. **O livro didático: alguns temas de pesquisa.** v. 12, n. 3. Campinas-SP. set. 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4322/rbhe.2013.008>

THOMPSON, E.P. **A Formação Da Classe Operária Inglesa.** 4edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

